

*A GLORIOSA FAMÍLIA: IRONIAS DO COLONIALISMO?*SÉRGIO PAULO ADOLFO (*in memoriam*)

RESUMO

Pepetela tem sido um autor preocupado, desde o início de sua carreira literária, com as questões históricas que envolvem a formação étnica e cultural de Angola. Suas obras, como *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* e *Mayombe* e *Lueji: o nascimento de um império*, têm como enfoque principal a formação histórica do povo angolano e sua relação com o presente do seu país. São narrativas que, usando o veículo do historicismo não oficial, recolocam em seus devidos lugares fatos e feitos de homens deserddados pela historiografia colonial, mas recriados no espaço literário.

PALAVRAS-CHAVE: romance angolano, história, *A gloriosa família*, *Yaka*.

A gloriosa família: o tempo dos flamengos, romance de Arthur Mauricio Pestana dos Santos, autor angolano conhecido como Pepetela, teve a sua primeira edição em 1997 pela Editora Dom Quixote e segue na mesma trilha das narrativas anteriores do autor, tendo como fulcro central a história da colônia durante o tempo da dominação holandesa, ao qual o subtítulo se refere. O protagonista Baltazar, um holandês católico, casado com uma mulher da terra, cheio de filhos mulatos, é o patriarca dessa “gloriosa” família. Os demais membros e agregados são pessoas de dois mundos – África e Europa, Protestantismo e Catolicismo, negros e brancos, Portugal e Holanda, Rei do Congo e a Rainha Nzinga, assim como o próprio Baltazar que oscila politicamente entre as potências invasoras, entre a esposa e as amantes, entre a lealdade ao catolicismo e ao protestantismo. Nesse movimento pendular da “gloriosa família”, vai se construindo a nobreza futura de um país colonizado. Ironia do destino dos povos e ironia do autor ao criar um texto tão saboroso. O narrador, sugestivamente, é um escravo surdo-mudo, que supostamente não ouve e não fala, e que, no entanto, registrou a trajetória dessa “gloriosa família” fundadora do país Angola.

A literatura, segundo o professor Antonio Candido, tem como uma das funções fazer com que o homem conheça a sua verdadeira dimensão humana, pois é feita de pedaços da realidade do cotidiano, pedaços que levados ao campo da fantasia tornam-se, através do toque estético, a verdadeira realidade, porque não sendo o real, torna-se mais real, posto que revela as verdades internas do homem. Entretanto, a literatura artística não pode ser vista como um mero reflexo da sociedade que a gerou, pois sua relação com o social se compõe de tal complexidade que cabe ao leitor o papel de resgatar seus valores, porque, ao penetrar nas profundezas abismais do texto, o leitor trará à tona os componentes sociais, psicológicos e biográficos, os externos, no dizer de Candido, que se fizeram internos na propulsão da força criadora do artista da palavra.

A respeito da literatura e cultura nos novos países africanos, em sua intervenção num colóquio de literatura em Zagreb-Iugoslávia, em 1978, Costa Andrade (1980) afirma que

assim, é que a nossa cultura, fruto de um povo jovem de longa memória, tem por força um conteúdo jovem, mergulhando raízes no passado que hibernou durante o colonialismo, como forma de sobrevivência, resistência contra a destruição total. (p. 86)

Pepetela, o autor de quem iremos tratar, é um desses sobreviventes e resistentes a quem tão enfaticamente se refere Costa Andrade. Desde o início de sua trajetória literária, Pepetela tem buscado no passado – mergulhado nas raízes de um tempo escuro e poeirento da noite colonial –, por um lado, entender o presente, por outro, revigorar na memória dos mais jovens que esse passado inglório existiu nas terras de Angola. A Angola contemporânea, numa luta fratricida que parece não ter fim, pode aos poucos esquecer-se de seu passado colonial, diante dos urgentes problemas do momento presente.

O romance sobre o qual nos debruçamos atualmente – *A gloriosa família* – tem como tema central um período colonial recuado no século XVII, durante o domínio holandês em Luanda. Há nele uma intersecção entre a história oficial da metrópole e a história ficcional de Pepetela. A gênese da narrativa pepeteliana tem seu princípio na obra de António de Oliveira Cadornega, *História geral das guerras angolanas* (1680),

publicada mais recentemente pela Agência Geral do Ultramar, em Lisboa, em uma edição de 1972, cujo autor, Cadornega, é transformado por Pepetela em uma das personagens do romance em questão:

– Mas primeiro quero apresentar-vos o alferes António de Oliveira Cadornega... [...]

Nascido e criado em Vila Viçosa, importante praça do Alentejo, em Portugal, Cadornega viera com um irmão no mesmo barco do Governador Pedro César de Menezes. Me recordava dele, nos tempos da fuga de Luanda, não só por fazer olhos sofredores quando divisava Matilde, mas por andar com papéis onde tomava notas constantemente. (PEPETELA, 1998, p. 260-261)

A intensa fabulação, no romance, mostra ao leitor um período conturbado do colonialismo português em Angola na época da invasão holandesa nas suas colônias, incluindo o Brasil. Nesse painel de guerras, traições e delações, o protagonista é colocado em meio ao fogo cerrado, este, um flamengo católico, casado com uma filha da terra, D. Inocência, também católica, e pai de inúmeros filhos legítimos e ilegítimos. Baltazar Van Dum, patriarca do que viria a ser a gloriosa família, é apresentado por um narrador que mais adiante é dado a saber tratar-se de um escravo surdo-mudo, que acompanha seu dono por todos os lugares, tornando-se, por essa razão, um ouvinte privilegiado, pois ouve todas as histórias e sabe de todo o acontecido. A narrativa se abre com o protagonista, o pai da gloriosa família, com muito medo de ser enforcado por ser aliado dos portugueses e dos flamengos ao mesmo tempo. Baltazar Van Dum, vestido com sua melhor roupa, acompanhado de seu escravo surdo-mudo, símbolos estes de poder naqueles tempos de antanho, é, paradoxalmente, representado morrendo de medo dos senhores flamengos.

Baltazar e seu escravo estão presentes em todos os momentos da narrativa e funcionam como pêndulos da ação histórica. Baltazar é poderoso e dono de inúmeros escravos, mas convive com o medo eterno de ser morto por uma das facções que ele trai e bajula para manter-se vivo, enriquecer e constituir a gloriosa família. O escravo surdo-mudo, sem direito à voz, desprovido de bens e de liberdade, sem nenhuma ambição, ouve tudo o que se passa e será, isso o leitor fica sabendo no final da narrativa, o narrador do romance:

[...] mas xé, que é isto? escravo não tem sentimento, aiué, e tenho de estar atento ao meu dono, só dormir quando ele dorme, no resto seguir seus gestos, suas palavras, suas emoções, seus vazios também, para isso me foram buscar à terra de Jinga Mbandi. (PEPETELA, 1998, p. 23)

Escravo e senhor são, pois, a alegoria da dialética do poder colonial. *A gloriosa família* é um retrato irônico do colonialismo em Angola e em qualquer parte do mundo, pois expõe de forma metafórica a formação das famílias poderosas no regime colonial.

A galeria de personagens é imensa, e se constitui de três núcleos principais. De um lado, os holandeses, de outro, os portugueses de Massangano e, ainda, a gloriosa família e a corte do rei africano, de quem uma das filhas casa-se com um filho de Baltazar Van Dum.

Entre esses inúmeros personagens há de se destacar algumas figuras emblemáticas, como Matilde, uma das filhas de Van Dum, moça bonita e sagaz, possuidora do dom de adivinhar e é quem profetiza o futuro da gloriosa família. Matilde, apesar de ser bela e faceira, tem caráter volúvel, é namoradeira, mulher de muitos homens. Ela é uma espécie de “ovelha negra”, pois não segue as ordens do velho pai nem dos outros homens com quem convive. É ela quem dá a nota feminista num tempo em que a mulher deveria desempenhar os papéis determinados pelos homens. No entanto, é uma mulher livre, escolhe seus parceiros, decide seu destino e, além disso, ou por isso tudo, é capaz de prever o futuro da família a que pertence.

Gertrudes espantou a cidade inteira quando no momento de dar o nome ao primogênito exigiu trocar a ordem dos apelidos, isto é, em vez de António Van Dum Pereira, como era uso, se pusesse o seu no fim. E ficou mesmo António Pereira Van Dum, pois o marido no fundo dava muita pouca importância ao seu apelido de circunstância. Gertrudes fez esta exigência, como mais tarde confessou a família, porque Matilde, sua irmã mais nova, muito bonita mas também muito bruxa, inclinada a visões e profecias, lhe confidenciou uma noite de trovoada, propícia para essas coisas, que o pai estava a dar origem a uma linhagem notável, nas suas palavras a uma gloriosa família, e ela queria que os seus netos e bisnetos carregassem o nome ilustre de Van Dum. (PEPETELA, 1998, p. 22-23)

Matilde é uma nota dissonante na gloriosa família, pois suas outras irmãs, a mais velha, Gertrudes, casada com o cristão novo Manuel Pereira, vivia em Massangano e, como todas as outras mulheres casadas, paria filhos constantemente para aumentar a família. A outra irmã, Catarina, a doce Catarina, por quem o narrador nutre uma eterna paixão, é filha natural de Baltazar e é tratada como escrava por D. Inocência. Ela é uma moça dócil, trabalhadeira e que ocupa um lugar secundário nas decisões familiares. Rosário, a outra filha, sempre tímida e com os dentes defeituosos, acaba se apaixonando por um escravo, provocando assim, involuntariamente, sua morte. Thor, o altivo escravo vindo do interior, é morto por ter se apaixonado e se deitado com Rosário.

Outra personagem feminina digna de nota é Angélica Ricos Olhos, vinda como degredada do Brasil, é estrábica de ambos os olhos e prostituta, filha de um português com uma escrava brasileira, e acusada de matar, no Brasil, o amante flamengo, recebendo como castigo, ser degredada para Angola, onde havia uma crônica falta de mulheres.

Foi aí que Ambrósio viu pela primeira vez Angélica Ricos Olhos. Notei a mulata de peruca loira que bebia numa mesa de homens barulhentos. E notei sobretudo o fascínio que exerceu instantaneamente em Ambrósio. Um conhecido dos Van Dum, ao lado deles, segredou o nome dela e que tinha vindo dias antes do Brasil, desterrada. [...] Mulher alta, bem feita, e com um par de mamas a querer fugir do decote. Mas o mais notável eram os ricos olhos do nome. Nunca tinha visto uma pessoa tão estrábica. O olho esquerdo olhava totalmente para a esquerda e para baixo, enquanto o direito olhava totalmente para a direita e para cima. Ficámos a saber que Ricos Olhos era nome de família, pois se tratava da filha de um português de Pernambuco que usava esse apelido. (PEPETELA, 1998, p. 325)

Tal como Matilde, Angélica Ricos Olhos é uma mulher perturbante e perigosa. Seu nome não condiz com a sua aparência física. Seus olhos são estrábicos e, no entanto, seu nome é Ricos Olhos. Além disso, chama-se Angélica e seu temperamento não tem nada de angelical, era, sim, dotada de um gênio forte e voluntarioso, como se infere do fato de ter sido desterrada para Angola após matar o amante a facadas. No entanto, Angélica Ricos Olhos vai se tornar a nova nora de Baltazar Van Dum, pois Ambrósio, um de seus filhos, perde-se de

amores pela prostituta e convence o patriarca a aceitá-la como nora e moradora da Senzala.

Outra personagem feminina importante é Gigi, a prostituta flamenga que divide a cama com dois importantes flamengos, Redinckove e o major Gerrit Tack, fato que toda a comunidade luandense conhece e comenta. Esta mulher, corajosa e sensual, embarca para o Brasil quando seus amantes são transferidos para cá.

Finalmente, da galeria de mulheres, destaca-se Dolores, a escrava aleijada de uma perna, que vive pelo quintal a claudicar e que se torna mãe de um dos netos ilegítimos de Baltazar, filho de Hemenegildo, um rapaz tímido e de gestos afeminados. Dolores não desperta a atenção de ninguém na Senzala enquanto está grávida, mas ao ter o filho, D. Inocência resolve ficar com o neto para si. A disputa entre a escrava e a Senhora é acirrada até o momento em que Dolores é levada à força para o Bengo, afastada de seu filho Gustavo. O menino fica com a avó, até que um dia Dolores, na calada da noite, volta sorrateiramente para levá-lo.

Dolores se aproximou, com lágrimas nos olhos. A criança reconheceu-a e estendeu os bracitos, gritando. Que podia eu fazer? Não entreguei o Gustavo, juro que não, apenas não fiz muita força nas mãos que o seguravam. Dolores pegou nele e puxou. As minhas mãos cederam. [...] A mãe o amarrou logo às costas com o pano e correu para o mato. (PEPETELA, 1998, p. 371-372)

Causa impressão o fato de que são as mulheres a conduzirem a história da gloriosa família. Ao darem à luz seus filhos, livres ou escravos, estão na verdade semeando os futuros angolanos. A importância dessas mulheres se faz ainda maior porque não se enquadram no modelo de heroínas proposto pela sociedade de então, ou pelos valores burgueses da sociedade colonial. Paralelamente aos homens que estão a construir as futuras famílias, a acumular as riquezas e os poderes na sociedade colonizada tendo como ponto de partida a fraude, o roubo, a mentira e a traição, as verdadeiras heroínas dessa sociedade também cumprem o seu papel fugindo dos padrões impostos pela sociedade dos homens. A sociedade angolana fundada na base colonial é, segundo a narrativa, doentia e sinistra, pois *gauche* são seus personagens construtores. Os

papéis de destaque das mulheres são sempre de mulheres que não condizem com o modelo social imposto pela sociedade circundante. Quanto aos homens, como veremos rapidamente a seguir, são, quase sempre, falsos, medrosos, coniventes e traidores. O único interesse verdadeiro entre eles é o enriquecimento fácil, o ganho especulativo e o lucro desonesto.

Como a coroar essa galeria de mulheres temos finalmente a rainha Nzinga, mulher tão poderosa que não gostava de ser tratada como tal, e exigia de seus súditos ser chamada de Rei e não de Rainha. Poligâmica, mantinha para seu prazer um harém de homens, tal como os reis de sua terra faziam. Em vários momentos da narrativa, ela mostra a sua força, seja através da estratégia da guerra, seja através de sábias negociações, fosse com os portugueses ou com os flamengos. Ela e suas irmãs Bárbara e Ingrácia são as mulheres que não fazem concessões e quando traem, no caso de D. Bárbara, traem os brancos, com a finalidade de minar-lhes o poder. A rainha Nzinga é o símbolo da resistência africana ao domínio português e é claro que a narrativa enfatiza esse dado histórico. Aliás, o romance aproveita fatos históricos que são entrelaçados na narrativa de ficção, pois uma narrativa nasce da outra, numa necessidade imperiosa de relatar os fatos sob a perspectiva do oprimido, do colonizado, em uma releitura da história pelo próprio olhar. Dialogando com Eni Orlandi, podemos dizer que a fala do silenciado se faz ouvir, sobretudo nesses espaços privilegiados da produção estética. A obra de arte tem sido em todos os tempos o lugar preferido para denunciar de forma duradoura e humanizadora os desmandos dos poderosos, como é o caso desse romance.

Nessa galeria de personagens fora dos padrões sociais, destaca-se ainda a figura do narrador, escravo anônimo e surdo-mudo. A figura do surdo-mudo é a metáfora do colonizado de quem foi tirada a possibilidade da voz, da vontade, da personalidade, enfim, ao africano a quem não restou nenhum direito a não ser o de servir. No entanto, o autor, ao compor esse novo painel da sociedade angolana em sua formação, coloca a voz e a vez do angolano na figura de escravo surdo e mudo. Tal como Guimarães Rosa que, em *Grande sertão: veredas*, privilegia a fala do jagunço Riobaldo como condutor da narrativa e, por conseguinte, condutor do saber, Pepetela, ao colocar em destaque a figura de um escravo com a possibilidade de narrar os acontecimentos, está ele

mesmo se posicionando como um homem que conhece e percebe as ironias do poder colonial e pós-colonial.

A história da gloriosa família é então apresentada de forma irônica e sagaz pelo narrador-escravo, que aponta de quando em vez as falhas e falcatruas de um herói, Baltazar Van Dum, na construção e condução dessa família. A família Van Dum torna-se, através da escritura de Pepetela, o exemplo modelar das famílias forjadas no embate da luta de colonização em qualquer parte do mundo. A mestiçagem étnica e cultural obedece aos influxos e reveses do momento político, enquanto o amor e a sexualidade são exercidos sob a capa da opressão colonial.

Em seu outro romance, *Yaka*, de 1984, publicado pela editora Ática, na Coleção Autores Africanos, a narrativa trata de uma família angolana branca, de origem lusitana que segue, de certa forma, a saga de todas as famílias lusitanas criadas nas colônias. Nessa narrativa, o autor também toma o direcionamento da história, sendo que a narrativa centra-se no clã dos Semedo, uma família de portugueses de Benguela. A história começa no século XIX quando chega à colônia o primeiro deles, Óscar Semedo, degredado por razões políticas, e que após perambular por vários pontos do território estabelece-se em Benguela e constitui família. Seu herdeiro, Alexandre Semedo, casa-se com uma “branca de primeira”, mandada buscar na metrópole pelo seu pai, dando assim início à família que exercerá papel importante na guerra de independência nos anos de 1970. Um dos bisnetos do velho Alexandre Semedo se reconhece como angolano e assume seu papel na luta de libertação, enquanto os demais membros da família fogem para a Metrópole ou para a África do Sul. Assim como Alexandre Semedo havia nascido debaixo de uma mulembeira, no centro do mundo, árvore sagrada dos Cuvale, o romance termina com seu bisneto, de arma na mão, debaixo da mulembeira defendendo a nova nação.

Em *A gloriosa família*, além de repensar-se o papel do homem angolano dentro do novo contexto histórico, ocorre também um recontar da nova história de Angola, da Angola dos seus habitantes autóctones, seus mestiços, seus povos das cidades e das savanas, assim como dos seus impérios e poderios passados. Sua narração tece-se a partir dos elementos intrínsecos do país de Angola: suas lendas, seus mitos, suas certezas e incertezas, suas similitudes, fraquezas, fragilidades, seu momento presente e seu momento passado apontando para um futuro comum.

Nessas narrativas, Pepetela posiciona-se como um narrador crítico e engajado no processo de reconstrução e construção do novo país, tanto quanto na construção e reconstrução da nova história de Angola.

A leitura de *Yaka* conduz o leitor imediatamente à correlação com *A gloriosa família*, posto que ambas tratam do mesmo tema: a construção populacional de Angola, país esse imaginado, criado e mantido pelo império português.

Assim, nessa correlação, nota-se que em *Yaka* tem-se como um dos narradores a estátua Yaka, que tudo vê, percebe e critica. Tal como o escravo surdo-mudo de *A gloriosa família*, o autor, ao dar-lhes o papel de narrador, está ao mesmo tempo recolocando em seus devidos lugares os verdadeiros donos da voz e do conhecimento africano. Essa voz, silenciada durante o período histórico de dominação, sem direito a exercer o seu papel de sujeito da sua própria história, tem agora esse direito na ficção, reassumindo esse papel de protagonismo. É através da ficção que Pepetela reconta a verdadeira história de Angola, por meio da fala dos silenciados e revelada por eles, sob a ótica dos outrora vencidos.

Em *Yaka*, o medo domina todos os passos e atos do patriarca Alexandre Semedo e, de modo semelhante, também no livro *A gloriosa família* o medo é a nota marcante. Todos vivem com medo; dos poderosos aos mais humildes escravos, o medo perpassa e toma conta de todos, este é um sentimento típico dos tempos coloniais. Albert Memmi (1977) afirma que os males do colonialismo atingem também os colonizadores. A cena inicial do romance *A gloriosa família* é a exposição do medo de Baltazar Van Dum perante a possibilidade de ser executado pelos flamengos, acusado de traição. Há um medo tal nesse momento que o patriarca acaba urinando diante dos poderosos, e se estes e os outros não notam, o fato não passa despercebido pelo escravo-narrador. O grau de percepção desse escravo chama a atenção do leitor e pode ser compreendido como um paradigma dos tempos coloniais, símbolo de um momento em que o colonizado, em que pese a ignorância do colonizador, percebe e sente as incongruências do sistema de dominação.

THE GLORIOUS FAMILY: IRONIES OF COLONIALISM?

ABSTRACT

From the beginning of his literary career, Pepetela has been concerned with the historical questions that involve the ethnic and cultural formation of Angola. Works such as *The Glorious Family*, *Mayombe*, and *Lueji* have as a primary focus the historical formation of the Angolan people and its relation to the present moment of the country. These are narratives that, by using the vehicle of non official historicism, have returned to their just place the facts and deeds of men disinherited by the colonial historiography, but recreated in literary space.

KEY WORDS: angolan novels, history, *The glorious family*, *Yaka*.

A GLORIOSA FAMÍLIA: ¿IRONÍAS DEL COLONIALISMO?

RESUMEN

Pepetela ha sido un autor preocupado, desde el inicio de su carrera literaria, con cuestiones históricas que envuelven la formación étnica y cultural de Angola. Obras como *A gloriosa familia*, *Mayombe*, *Lueji* tienen como foco principal la formación histórica del pueblo angolano y su relación con el presente de su país. Son narrativas que, usando el vehículo del historicismo no oficial, sitúan en sus debidos lugares hechos y hazañas de hombres desheredados por la historiografía colonial, pero recreados en el espacio literario.

PALABRAS CLAVE: romance angolano, historia, *A gloriosa familia*, *Yaka*.

REFERÊNCIAS

COSTA ANDRADE, Fernando. *Literatura angolana (opiniões)*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MEMMI, Albert. *O retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PEPETELA, Arthur Mauricio Pestana dos Santos. *Yaka*. São Paulo: Ática, 1984 (Coleção Autores Angolanos, 23).

_____. *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

Recebido em 20 de fevereiro de 2014

Aprovado em 14 de maio de 2014
